

## 25 ANOS DA REVISTA “FREI MANSUETO”: HOMENAGEM A GUARDIÃ DA MEMÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NA CIDADE DE PARNAÍBA<sup>1</sup>

Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI)<sup>2</sup>

GT 11- História, Educação, e Memória.

O artigo faz uma análise de uma revista que integra uma pesquisa documental mais abrangente que se propõe a desvelar a influência no ensino superior da cidade de Parnaíba da produção literária dos alunos e professores dos cursos de teologia e filosofia (1949-1964), que funcionaram naquela cidade, por meio da análise e evocações de memórias de formação. Trata-se, portanto, de um estudo ambientado na História Cultural, elegendo como fonte histórica uma revista, contendo dados memoriais de forte expressão nas diversas áreas do conhecimento.

Na Edição comemorativa aos 25 anos da Revista Frei Mansueto, dos quais 15 anos tiveram uma relação muito particular com a cidade de Parnaíba, quando da permanência nesta cidade dos cursos de Teologia e Filosofia, encontramos nos primeiros ditos, um fragmento de memória de Carlos de Arary:

*“Disse não reiterados ao estudante comissionado pelos seus colegas para me pedir um trabalho sobre os 25 anos da ‘Frei Mansueto’, não parei para ouvir ; continuei andando pelo corredor. O rapaz acompanhou-me e tinha-o a meus pés, quando cheguei à porta de meu aposento. Ele ainda teclava. Com palavras e gestos rudes e desencorajadores fiz-lhe ver que não tinha a menor vontade de voltar às páginas da Revista. Para mais lhe fazer entender meu desencanto, referi-me à ausência dos velhos colaboradores de ‘A Voz de São Francisco’ ao tempo da edição comemorativa de seu jubileu de prata, em 1963 e fechei a porta da cela atrás de mim. Mas levei para dentro a atitude humilde e perseverante do jovem aluno. Tive remorsos. Um outro estudante, 25 anos decorridos, fazia igual pedido a mesma negativa. Fracamente, eu também não pude compreender as razões aduzidas pelo reverendo. Tinha sido injusto com o menino-jornalista. A idade dele – dos sonhos, dos vãos, do otimismo da vida – tinha direito a essa exigência.*

(...)

*Dizer que ‘Frei Mansueto’ é um milagre de sobrevivência por se tratar de uma revista mendicante, sem a mínima garantia financeira e publicitária, é repetir um lugar comum de dizer pouco. Periódicos do seu feitio, âmbito e natureza têm a vida de uma rosá. Só o idealismo puro e inconcusso de jovens estudantes, sob a organização disciplinar de seminário religioso, é capaz de oferecer semelhante exemplo de trabalho, persistência e devotamento. Todos quantos a fizeram amaram-na como algo marcadamente seu e lhe emprestaram o melhor dos seus esforços”.*<sup>3</sup>

O nascimento da Revista, quase um mistério soterrado no escombros dos anos, aconteceu protagonizado por um grupo de estudantes capuchinhos que fizeram o noviciado<sup>4</sup> à Ordem na Bahia. Estes estudantes reuniram-se ao redor da idéia do lançamento de uma revista. O ciclo de gestação completou-se graças aos estímulos recebidos pela fundação, em 1938, da

<sup>1</sup> Artigo produzido para o III Encontro de Pesquisa da UFPI e II Encontro Internacional de Pesquisa

<sup>2</sup> Mestrando de História do Brasil da Universidade Federal do Piauí

<sup>3</sup> Trecho do editorial comemorativo aos 25 anos da Revista “Frei Mansueto”

<sup>4</sup> Etapa na formação do frade, onde cursa Filosofia para logo em seguida cursar Teologia.

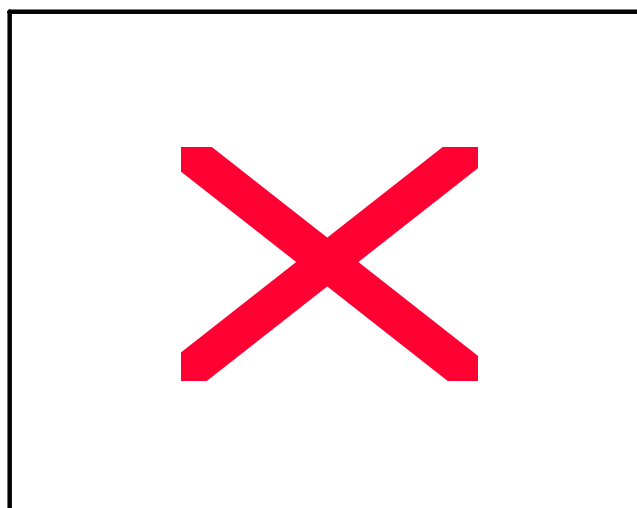
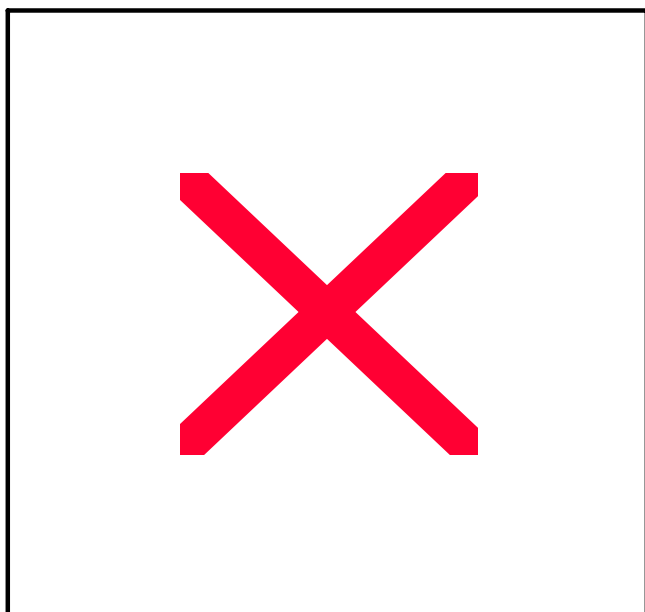
revista “A voz de São Francisco”, por Frei Bernardino de Momico. Em Outubro de 1940, nascia a “Frei Mansueto”, com sede e redação itinerante em Guaramiranga (1940 a 1941), Messejana (1942 a 1948) e Parnaíba (1949 a 1964).

Vinha a lume para divulgar atividades da ordem<sup>5</sup>, artigos educativos, poesias, para depois evoluir para estudos de pretensão mais séria, contemplando verdadeiros tratados de filosofia e teologia.

Nas análises do editor<sup>6</sup>, à época em que completou seus 25 anos ainda era considerada uma revista de adolescentes, cheios de entusiasmo, muita presunção, falhas e as inexperiências correspondentes. Poesias e artigos do último exemplar tinham os mesmos caracteres de ingenuidade e afoitamento de produções congêneres publicadas no primeiro número.

A Revista Frei Mansueto é um documento que reproduz o modelo de educação desenvolvido em Parnaíba e uma motivação para produção dos jovens estudantes e professores, preocupados com as mazelas do mundo e sedentos de transformações. Sua história retrata os momentos áureos da presença do Estudantado e sua relação íntima com o desenvolvimento da cidade, denunciando seu cotidiano, informando suas práticas e presentindo-a com um discurso civilizatório, moralizador e altaneiro.

Por ocasião de seu aniversário as autoridades eclesiásticas manifestaram suas congratulações, enaltecendo sua importância que extrapola o âmbito local.



---

<sup>5</sup> Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

<sup>6</sup> Carlos de Arary

Os trechos acima foram extraídos da Revista comemorativa das bodas de prata, *ipsi lidem* e traduzem um vasto campo de abrangência da sua produção literária e importância, enquanto veículo de formação de notoriedade reconhecida e conteúdo profundo.

O homenageado com o nome da Revista foi um frade de caráter sério e sisudo, que se tornou capuchinho num tempo de luta, na Itália maçônica e garibaldina, em que ser católico e fiel ao papa era expor-se à suspeição, ao desprezo, à dolorosa acusação de falta de patriotismo, até à perseguição e públicos insultos<sup>7</sup>. No Brasil atuou em estados como Piauí, Pernambuco, Maranhão e Pará.

Quando do seu falecimento, uma franciscano anônimo, vendo a multidão que reverente lhe acompanhou o fêretro, disse que o povo vinha proclamar na praça pública o que se exige de um educador religioso: que todos soubessem ser sérios seus exemplos e seus ensinamentos, como fora Frei Mansueto, autêntico discípulo e imitador de Francisco de Assis. Capuchinho intereiro, sem jaça nem dolo<sup>8</sup>.

Esta foi a inspiração para os jovens estudantes denominarem a revista fazendo Memória permanente, em cada número editado da Revista da figura emblemática que fora seu homenageado.

Na edição comemorativa das bodas de prata, um artigo é dedicado ao trabalho realizado pelos frades capuchinhos nos estados brasileiros, onde se infiltrando no seio da sociedade, contribuíram para tornar o Brasil o país com maior quantidade de cristãos católicos.

Sua participação na organização da sociedade assume-se, diferentemente dos jesuítas, afastando-se dos interesses econômicos e políticos do Estado, procurando empreender uma atuação voltada para camadas pobres como crianças, leprosos e mendigos.

No mesmo número, em título relacionado à psicologia do educador é nítida a indicação do aspecto doutrinário na constituição da missão de “cura das almas”, onde o frade torna-se um “educador”, um conselheiro e, sobretudo, um Pastor. Para tanto, requer que o pastor conheça suas ovelhas, estude suas características, compreenda seus anseios e vicissitudes. O pastor conhece as verdades e as transmite com toda sua objetividade.

Por aqui se vê logo, a preocupação na capacitação do educador, para que possa aperfeiçoar seus conhecimentos nos estudos profundos e precisos de ciências sociais, pedagógicas e psicológicas.

Afirma o artigo assinado por João Crisóstomo<sup>9</sup>, que o educador deve conhecer bem o campo onde vai desenvolver suas atividades, não escapando ele dos perigos com a vida moderna, cheia de tensões e conflitos emocionais que assolam as pessoas. Para ele, faz-se necessário além de preparar não só para enfrentar tais perigos, mas também estender a mão aos vacilantes e aos que já vacilaram.

Em entrevista recente Frei Pacífico de Holanda<sup>10</sup> afirma encontrar na formação teológica e filosófica hodierna uma superficialidade, reproduzindo o pensamento clássico e não se produzindo algo de original e aplicável às contingências do dia-a-dia. A ausência de solidez e profundidade nos discursos e práticas transformadoras descredenciam os novos egressos desses cursos de serem os portadores da ciência do conhecimento numa perspectiva epistemológica.

Em artigo enviado pelo frade Dr. Casimiro, laureado pela Universidade Gregoriana afirmava à época que a sociedade caracterizava-se por uma mentalidade comunitária e coletivista

---

<sup>7</sup> Período da Unificação Italiana e a “Questão do Vaticano”

<sup>8</sup> Publicado na Revista frei Mansueto nº 59-60 p.3-4.

<sup>9</sup> Escritor e colaborador da Revista na área de psicologia e formação humana.

<sup>10</sup> Ex-aluno e ex-professor do Estudantado, teólogo, filósofo e escritor.

em aberta oposição ao individualismo que até pouco tempo vinha impondo sua orientação, inclusive na espiritualidade. Afirmava ainda que o espírito de solidariedade e colaboração que inspirou a união dos operários reflete uma mística de comunidade, foi sempre mais se apoderando dos espíritos famintos de solidariedade.

Estas afirmações refletem os novos tempos vivenciados pela Igreja Católica a partir do Concílio Vaticano II, iniciado pelo papa João XXIII, propiciando uma abertura às novas perspectivas e desafios que a sociedade apresentava, como se vê em expressões contidas no número comemorativo da revista: “Queremos apresentar a Igreja aos olhos do mundo *sine macula et sine ruga*, tal como seu divino fundador” (João XXIII)<sup>11</sup>

Em outra análise também exprime princípios e valores disseminados pelos educadores em cursos de formação, almejando consolidar um discurso que produz práticas de solidariedade e comprometimento com os mais sofridos. Era objetivo do Estudantado promover uma educação que se expressava não apenas pelo “dito”, mas pelas formas, pela vida, pelo dinamismo na comunidade, enfim um modelo de educação que traduzia pelo ambiente e tudo que lhe inspirava, a natureza neste contexto é reverenciada e transformada em recurso didático mais do que qualquer pedagogia ecológica poderia tematizar. A compreensão grega da *ânima*, como elemento etimológico e semiótico, que se apresenta em seres animados e inanimados, todos possuidores da significação (ânima = alma), já era compreendida e valorizada numa perspectiva planetária.

A linguagem constrói significados através da linguagem literária os professores e alunos procuram inferir na construção de “verdades” e formação de “identidades”, como é o caso relatado na revista em análise, da questão da ideologia comunista.

No contexto em que o comunismo se espalhava pelo mundo como “praga”, falar de solidariedade e comprometimento com os mais sofridos, operários inclusive, era extremamente desafiador e estruturava uma prática de valorização da pessoa, do outro como “sujeito”, como “igual”. Esta idéia suplantava os pensamentos limitados e reducionistas de uma revolução permanente ou o combate da exploração capitalista pela luta armada.

A Revista surgida como órgão cultural-didático foi considerada um acontecimento que descortinava ao público brasileiro e estrangeiro, o grande ideal dos filhos de nossa terra, e também, demonstrava o amor pelas coisas belas e elevadas – o amor pela arte.

A revista possuía uma tríplice finalidade:

- a) Cooperar com a instrução cívica e religiosa do povo brasileiro, e estrangeiro, daí os artigos de fundo Literário, didático, Religioso, e de Notícias.
- b) Educar, de acordo com a Igreja Renovada, seus filhos diletos, amantes do Bem e do Belo.
- c) Formar intelectual e moralmente os homens para um Mundo Melhor dentro de suas perspectivas.

Rapidamente a revista também viria a se transformar num órgão porta-voz das aspirações e anseios que transbordavam em seus corações jovens. Os estudantes, amantes das discussões construtivistas, aspirantes dos triunfos da inteligência na vaidade dos Torneios Literários.

Segundo Vitorino de Ingazeiras<sup>12</sup> a cultura caracterizava uma dinâmica que com a rapidez do progresso influía na literatura, no ambiente cujas expressões cotidianas e de mentalidade dos homens produziram as marcas de uma época. Nesse sentido os jovens não estavam só fazendo uma revista, mas edificando uma história, deixando as marcas na cultura e na sociedade de suas produções, de seu legado humanístico, das suas insubstituíveis experiências, fincando-as no solo

<sup>11</sup> Documento do Concílio Vaticano II.

<sup>12</sup> Escritor e colaborador da Revista Frei Mansueto em artigos de natureza cultural.

fecundo das “terras de águas pardas”<sup>13</sup> que lhes acolheu e que tão maravilhosamente recebeu como dádiva sua colaboração na promoção de conhecimentos tão abrangentes e ousados a ponto de atingir mais que a mente, o espírito.

Na poesia expressão poética dos jovens estudantes que refletiam suas almas inquietas com os diletantes sentimentos que denunciava a mocidade:

#### VOCAÇÃO E DÚVIDA<sup>14</sup>

*“ VÍ num momento de delírio,  
o mundo com toda sua beleza:  
prazeres,  
gozo,  
divertimentos,  
namoro e depois... casamento.*

*Uma carreira brilhante:  
O doutorado  
A cátedra, a tribuna também,...  
A política,  
A Literatura... tudo!  
(...)  
Talvez, o jornalismo brilharia,  
No militarismo estimado seria,  
No comércio um, um grande capitalista!  
Porem,  
Num momento de etérea beleza,  
Não recuarei jamais!  
Um passo, dois... tantas queiras  
Darei com certeza, seguindo-Te  
CAMINHO, VERDADE, VIDA E AMOR!  
(...)  
João Batista de Crateús<sup>15</sup>*

No concernente à historicidade da formação dos discentes, um capítulo especial é dedicado ao processo de transferências e organização do “Estudantado”<sup>16</sup>. O “Estudantado” e noviciado eram comuns às Custódias do Maranhão, Piauí e Ceará. Em 1939, foi dissolvido, causado por divergências de métodos e outras inconveniências.

O “Estudantado” de teologia e filosofia foi transferido em 1942 para Messejana e daí para Parnaíba, em 1948.

A Casa de Formação de Parnaíba resultou do dinamismo de Frei Heliodoro, da competência técnica de Frei Francisco e da generosidade dos habitantes do lugar. Estas forças conjuntas fizeram surgir o complexo arquitetônico com influência italiana do século XIX, que desencadeou o progresso da Avenida São Sebastião, que até esse tempo, oferecia aos transeuntes apenas um

<sup>13</sup> A expressão se refere ao significado indígena do nome da cidade.

<sup>14</sup> Poesia publicada no nº 59-60 da Revista comemorativa ao jubileu de Prata da Revista.

<sup>15</sup> Ex aluno do Estudantado de Parnaíba, à época residente na cidade de Fortaleza.

<sup>16</sup> Segundo Francisco Lopes a denominação refere-se a situação de estudantes e ao espaço onde conviviam.

leito de areia frouxa que o vento teimava em jogar nos olhos impacientes do povo que por ela perambulava todos os dias. A única edificação que se erguia à margem da larga artéria era a mimosa Igreja de São Sebastião que o Monsenhor Roberto Lopes construía.<sup>17</sup>

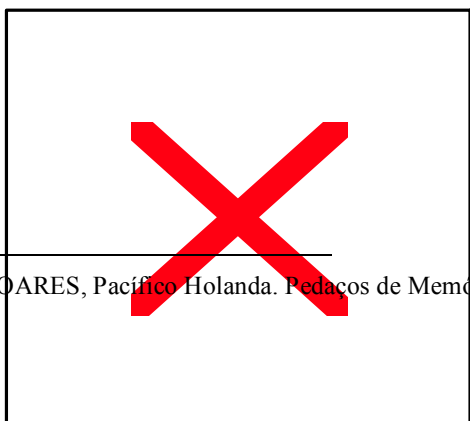


A grande figura na Educação da época era Marcelino de Milão. Sobre ele, afirma Pacífico:

*“Nossa grande estrela era Marcelino de Milão. Ele atingia naquela época o ponto mais alto de sua maturidade científica. Dominava exuberantemente qualquer disciplina teológica. Qualquer matéria que os professores não se sentissem seguros passavam para ele, que assumia e comportava-se como Mestre. Lecionou as disciplinas de Dogmática, Liturgia, Sagrada escritura, História Francisca”.*

A presença dos jovens estudantes na cidade de Parnaíba produziu novos ares na cidade, um surto de cultura rodeava aquele edifício. Internamente, o estudo de clássicos das mais diferentes áreas do conhecimento, além da produção intensa de manuais, textos, apostilas, que eram multiplicados para os alunos.

Em Parnaíba, o responsável pela tipografia foi o frade Domingos.



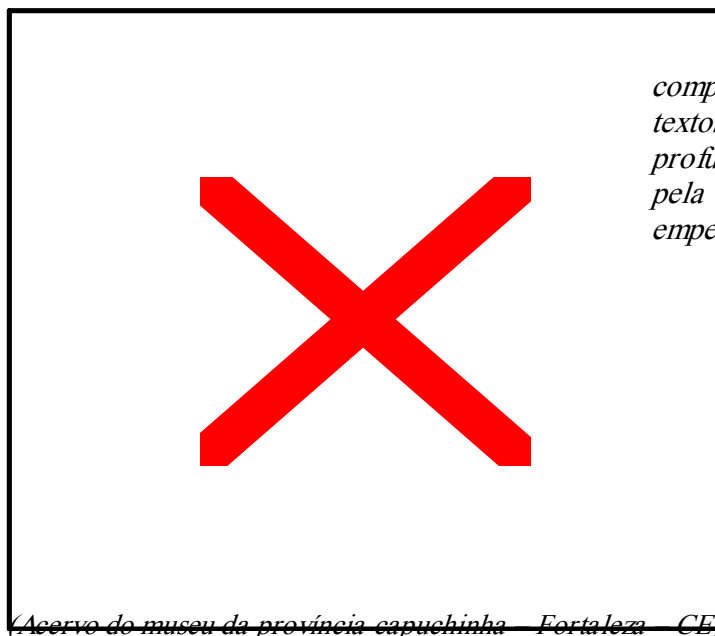
Exercitando suas memórias, afirma:

*“Ali, nós produzíamos cultura. Eram várias as obras que publicávamos, peças de teatro, que ensaiávamos*

<sup>17</sup> SOARES, Pacífico Holanda. Pedacos de Memória, Fortaleza: 1999.

e exibíamos no Salão São Francisco, além da Revista 'Frei Mansueto'".

(Pe. Frei Domingos)



*“A velha tipografia exigia grande competência e habilidade para produzir textos de tamanha beleza estética e conteúdo profundo. A confecção dos textos acontecia pela utilização de tipos móveis, o que exigia empenho e dedicação esmerada”.*

(Pe. Frei Domingos)

(Acervo do museu da província capuchinha – Fortaleza – CE)

A máquina tipográfica foi trazida da Itália pelos frades para colaborar na formação dos novos estudantes, favorecendo grande diversidade de possibilidades, propagou ensinamentos universais que se fazem vivos nas mentes e nos corações daqueles que vencendo o tempo, demonstram a capacidade de suplantar empecilhos circunstanciais e produziam discursos que edificam verdades.

Tratando-se de um estudo ambientado na História Cultural, procuramos a partir na Revista “Frei Mansueto” compreender a instalação dos cursos de Teologia e Filosofia em Parnaíba, compreendendo seu funcionamento e dá vivacidade às expressões de uma época, trabalho do historiador para “vencer o esquecimento, preencher o silêncio, recuperar as palavras”<sup>18</sup>

Compartilhamos aqui com a posição assumida por Chartier:

*“A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos... Representação, prática, apropriação: é a partir destas três noções que este livro é construído... Por um lado é preciso pensa-la como a análise da representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e*

<sup>18</sup> LE GOFF, Jacques (org) A História Nova. São Paulo: Martins Fortes, 1998, p. 45.

*conceptuais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não um dado objetivo, tal como não são as categorias intelectuais e psicológicas: todas elas são historicamente produzidas pelas práticas articuladas (políticas, sociais, discursivas) que constroem as suas figuras. São estas demarcações e os esquemas que as modelam, que constituem o objeto de uma história cultural levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre o social, identificando com um real bel real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como repetindo-o ou dele se desviando”<sup>19</sup>*

No momento a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso – de textos, imagens e ações – e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames, muito mais do que sobre a elaboração de novas narrativas mestras ou de teorias que substituam outras concepções históricas.

Rompendo fronteiras geográficas e temporais a revista “Frei Mansueto” nos ensina a capacidade de investigação em páginas, quase esquecidas os significados da História, que reclama seu lugar no mundo dos vivos, afirmando existências e denunciando erros e descaminhos. Aquilo que já afirmava Marc Bloch: “a História é uma compreensão do presente pelo passado e a compreensão do passado pelo presente, ela é um diálogo perpétuo entre o passado e o presente”.

Como importante recurso para compreendermos estes caminhos, corroborando com as informações contidas na Revista, utilizamos os relatos de História Oral, por compreendermos que a história oral já parte integrante da investigação do conhecimento que se processa no convívio social, questionando a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais; por isso, ela é hoje inerente aos debates sobre tendências da história contemporânea. Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, ela não só oferece uma mudança do conceito de história, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem.

Outra categoria de extraordinária significação neste trabalho foi a utilização da **memória** para propiciar a compreensão do presente. Para Jacques Le Goff a Memória onde cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a liberação e não para a servidão humana<sup>20</sup>.

Sobre a Memória afirma Henry Rousso<sup>21</sup>:

*“ A memória coletiva, no sentido básico do termo, é a presença do passado (...) A memória, pra prolongar essa definição lapidar, é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social,*

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger, A História Cultural, entre Práticas e Representações. Lisboa, Difel: 1990. p. 13.

<sup>20</sup> LE GOFF, Jacques, História e Memória, Martins Fortes: 1997.

<sup>21</sup> HENRY Rousso, In: Usos & Abusos da História Oral. Org. Marieta de M. Ferreira e Janina Amado, 1996: p.94-95.



*nacional. Portanto, toda memória é, por definição, ‘coletiva’, como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui (...) um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Mas essa percepção difere segundo nos situemos na escala do indivíduo ou na escala de um grupo social, ou mesmo não se pode dizer da idéia de que existe uma ‘memória coletiva’, isto é, uma presença e portanto uma representação do passado que sejam compartilhadas nos mesmos termos por toda uma coletividade”.*

Na análise da educação, com manifestações no campo do rito e do simbólico é pungente a relação com a cultura política, isto é, os valores religiosos podem produzir efeitos democratizantes, mesmo quando experimentados num ambiente restritivo da liberdade ou teologicamente conservador, e podem produzir efeitos e práticas de insatisfação com as propostas corruptas e exploradoras no nível da comunidade eclesial, reproduzindo procedimentos representativos de lideranças comunitárias que exercem o poder em esfera menor, procurando empreender uma participação de igualdade de envolvimento coletivo.

A comunhão de interesses e propósitos entre atores religiosos e atores democráticos, ou, mais abstratamente, entre vivência religiosa e cultura democrática, quando se estabelece, não se dá por mera confluência ou “conversão”. As articulações em geral terão por referência a adversários ou conflitos/controvérsias que produzem polarizações (parciais) no espaço social, levando à agregação de campos heterogêneos. Assim a relação entre religião e democracia.

A memória dos cursos de teologia e filosofia do Estudantado de Parnaíba, relatados na Revista Frei Mansueto e confirmados por depoimentos de história oral, constituem-se elementos investigativos para compreensão maior do processo de implantação dos cursos superiores que foram implementados na cidade, contribuindo, portanto com o seu desenvolvimento. A memória do modelo de formação consegue um feito amplo, que além de significativa influência nas mentes, consegue mais fortemente “tocar” o espírito.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FREI MANSUETO, Revista. **Jubileu de Prata**. Parnaíba: Gráfica do Convento São Sebastião, ano 25 – N°s 59-60: 1965.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1999.

FELIX, Loiva Otero. **História e Memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

SOARES, Pacífico Holanda. **Pedaços de Memória**, Fortaleza, Multigraf editora: 1999.

PESAVENTO, Sandra Jathy (org). **História Cultural**: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

BURKE Peter (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HENRY Rousso, In: Usos & Abusos da História Oral. Org. Marieta de M. Ferreira e Janina Amado, 1996

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4 ed. Ver. e ampl. São Paulo, SP.Loyola, 2002.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Batista leitão [et all.] 5. Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

\_\_\_\_\_. & NORA, Pierre. **Novas Abordagens**. Trad. Henrique Mesquita. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

\_\_\_\_\_. et all. **A História Nova**. 4 ed. São Paulo: Martins Fortes, 1988.

#### **DOCUMENTOS AUDIOVISUAIS**

SOARES, Pacífico Holanda. **Entrevista** [mai,2004] concedida ao pesquisador Francisco de Assis de Sousa Nascimento para realização da dissertação de Mestrado.